



ORDEM
DOS
PSICÓLOGOS

Relatório de Evidência Científica Psicológica sobre

Relações Familiares e Desenvolvimento Infantil nas Famílias Homoparentais

A apresentar ao Grupo de Trabalho Co-Adopção (CACDLG) – PJI n.º 278/XII/1.ª (PS)

Julho 2013

Autoria: Ordem dos Psicólogos Portugueses

Data: Julho de 2013

Para efeitos de citação:

Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013). *Relatório de Evidência Científica Psicológica sobre Relações Familiares e Desenvolvimento Infantil nas Famílias Homoparentais*. Lisboa.

Índice

Sumário Executivo	4
Introdução	5
Metodologia de Trabalho	6
Enquadramento	7
<i>Os Homossexuais podem ser Bons Pais?</i>	10
<i>O Padrão Relacional dos Homossexuais é compatível com a Educação de uma Criança?</i>	11
<i>As Crianças precisam de um Pai e de uma Mãe?</i>	12
<i>A Homoparentalidade põe em causa o Desenvolvimento Psicológico das Crianças?</i>	14
<i>As Crianças filhas de Homossexuais tornar-se-ão elas próprias Homossexuais?</i>	17
<i>Os Pais Homossexuais são Pedófilos ou Abusadores Sexuais?</i>	19
<i>As Crianças de Famílias Homoparentais sofrerão Discriminação?</i>	19
<i>É preferível para as Crianças viver numa Instituição ao invés de numa Família Homoparental?</i>	24
<i>Os Estudos sobre Homoparentalidade estão Enviesados?</i>	26
Posições de Associações e Entidades Profissionais	28
Conclusão	30
Referências Bibliográficas	32
Anexo	39

Sumário Executivo

Os resultados das investigações psicológicas apoiam a possibilidade de co-adoção por parte de casais homossexuais, uma vez que não encontram diferenças relativamente ao impacto da orientação sexual no desenvolvimento da criança e nas competências parentais.

As dúvidas, perguntas e receios que se colocam sobre as capacidades parentais e o desenvolvimento psicológico das crianças e adolescentes que crescem numa família homoparental têm sido respondidos por **inúmeras investigações científicas realizadas em diversos países**. Este amplo corpo de evidências científicas pode contribuir para informar e esclarecer o debate teórico, político e legal acerca da co-adoção.

As conclusões a que estes estudos chegaram resumem-se facilmente: **as crianças e adolescentes de famílias homoparentais não diferem significativamente das crianças e adolescentes de famílias heteroparentais** no seu bem-estar, assim como em nenhuma dimensão do desenvolvimento psicológico, emocional, cognitivo, social e sexual. **Um desenvolvimento saudável não depende da orientação sexual dos pais, mas sim da qualidade da relação entre pais e filhos** e dos vínculos de afecto seguros que se estabelecem entre eles.

Não existe fundamentação científica para afirmar que os pais homossexuais não são bons pais com base na sua orientação sexual. Pelo contrário, aquilo que as evidências científicas acumuladas sugerem é que **os homossexuais**, tal como os heterossexuais, **possuem as competências parentais necessárias para educar uma criança**, podendo oferecer-lhe um contexto familiar afectuoso, saudável e potenciador do seu desenvolvimento.

Estes resultados, replicados e consistentes em inúmeros estudos, permitiram alcançar um **consenso na comunidade científica: a orientação sexual parental e a configuração familiar homoparental não parecem ser um factor determinante do desenvolvimento infantil nem da competência parental**.

O que é universal quando se fala de parentalidade é que as crianças precisam de ser protegidas, cuidadas e educadas. A instituição do parentesco, que não decorre apenas da biologia, deve ser fundamentada em princípios como o **cuidado, o amor, a protecção e a responsabilização** na criação das crianças (Almeida, 2006).

Desta forma, as evidências científicas sugerem que **as decisões importantes sobre a vida das crianças e adolescentes sejam tomadas com base na qualidade das suas relações com os pais e não com base na orientação sexual dos mesmos**. A continuidade afectiva deve ser o valor fundamental a preservar, dando às crianças o direito de saber que as suas relações com os pais (ou com os indivíduos que desempenham essas funções parentais) são estáveis e legalmente reconhecidas.

Introdução

A propósito da audição da Ordem dos Psicólogos Portugueses pelo Grupo de Trabalho sobre co-adoção (CACDLG)- PJI nº278/XII/1ª (PS) entendeu a Ordem dos Psicólogos apresentar um “Relatório de Evidência Científica Psicológica sobre as Relações Familiares e Desenvolvimento Infantil nas Famílias Homoparentais”.

Entende a Ordem dos Psicólogos que é seu dever participar activamente nas questões da sociedade portuguesa, para as quais pode contribuir com o conhecimento derivado da psicologia. Cumpre assim, uma das atribuições definidas pela Lei 57/2008 de 4 de Setembro, que criou a Ordem dos Psicólogos e aprovou o seu Estatuto. Aí se dá como uma das atribuições “A colaboração com as demais entidades da Administração Pública na prossecução de fins de interesse público relacionados com a profissão” (Artº 3, nº1, alínea i).

Dentro do tempo disponível, a Ordem dos Psicólogos Portugueses mobilizou o seu Gabinete de Estudos para poder realizar de forma sólida e consistente o relatório que aqui se apresenta.

Entendemos que este é um contributo da ciência psicológica, que aponta para as principais evidências relativamente a diversas questões que cruzam esta temática. Independentemente das decisões políticas que se tomem, é fundamental que não assentem sobre pressupostos errados ou desconhecimento de questões que são cruciais.

Como é da natureza do trabalho científico, evolui por um acréscimo de conhecimento, uma depuração das questões resultante da crítica, e o encontrar de novas questões que necessitam de mais investigação. De qualquer modo, esse conhecimento é sempre relativo ao momento presente, com as limitações naturais que são impostas pelos diversos constrangimentos. No entanto, existem já dados bastante robustos sobre as questões vertentes, tendências claras que se evidenciam nos estudos. Pretendemos que fiquem claras nas conclusões que apresentaremos.

A metodologia seguida procurou trabalhar a partir dos estudos publicados em revistas maioritariamente da área da psicologia e que são consideradas de maior impacto e influência, pela exigência de rigor e pela metodologia de selecção dos estudos para publicação. Apresentamos ainda a posição das principais organizações profissionais e científicas que se debruçaram sobre este assunto, e que introduzem uma dimensão importante do entendimento que é partilhado por estas organizações.

Naturalmente, que a existência de contraditório e de crítica é desejável na evolução do conhecimento científico. Mas, essa condição não deve obviar a que se pondere sobre o conhecimento adquirido, e sobre as suas consequências para a vida dos cidadãos.

Desejamos que este contributo possa clarificar algumas questões que, tantas vezes, são esgrimidas com argumentos sem fundamento científico. A decisão caberá a quem de direito, agora mais informada.

Metodologia de Trabalho

Os estudos citados neste relatório foram **criticamente avaliados** do ponto de vista do seu conteúdo, metodologia e validade. Embora contenham limitações e sugestões de investigação futura, esse procedimento é consistente com o método científico e **não desacredita as respectivas conclusões**:

- A maioria dos estudos, revisões de literatura e meta-análises citadas foram revistas por pares. A **revisão por pares** corresponde à avaliação de um artigo por indivíduos de competência similar (pares académicos) à dos autores do artigo. Constitui uma forma de auto-regulação por membros qualificados de uma profissão dentro de uma determinada área relevante do conhecimento. Este método é utilizado para manter padrões elevados de qualidade, melhorar o desempenho e oferecer credibilidade, assim como para avaliar a possibilidade de um artigo ser submetido em determinada revista. Desta forma, os jornais em que existe a revisão por pares só publicam artigos que tenham sido submetidos a este processo, assegurando que as publicações correspondem a conhecimentos sólidos no seu campo;
- A maioria dos estudos, revisões de literatura e meta-análises foram publicadas em **revistas académicas de prestígio** e com um **factor de impacto** relativamente elevado. Estas revistas asseguram os mecanismos e **compromissos éticos** que salvaguardam que os dados publicados não são manipulados ou interpretados de modo selectivo ou abusivo. O **Journal Citation Reports** é uma autoridade reconhecida de avaliação de publicações científicas, que oferece uma forma sistemática e objectiva de avaliar criticamente os **principais e mais influentes jornais** nos domínios da ciência e das ciências sociais, existente na base de dados *Web of Science*. Um dos instrumentos oferecidos pelo *Journal Citation Reports* para avaliar, categorizar e comparar publicações científicas é o **Factor de Impacto**, que corresponde a uma medida da frequência com que o "artigo médio" de uma determinada publicação foi citado num determinado ano ou período. O Factor de Impacto anual corresponde ao rácio entre as citações e os itens recentemente citados publicados por esse jornal. O Factor de Impacto serve, deste modo, para avaliar a frequência das citações. Também é usado para proporcionar uma visão aproximada do prestígio académico de determinada publicação. Constitui uma ferramenta útil, mas deve ser usada com algum cuidado e interpretada de modo não reducionista. No quadro 1, em anexo, podem consultar-se o Factor de Impacto das principais publicações utilizadas na construção deste relatório.

Com base nestas evidências científicas procuramos, neste relatório apresentar um **resumo preciso e cuidadoso do actual "estado da arte"** do conhecimento científico e profissional relativamente às **relações familiares e ao desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais**. Este relatório não pretende fazer um retrato aprofundado e detalhado do tema, mas oferecer uma panorâmica geral do assunto, recorrendo às principais referências e conclusões empíricas disponíveis na literatura psicológica.

Enquadramento

Na actualidade encontramos uma grande **diversidade de modelos familiares**, entre os quais a **configuração familiar homoparental** – as famílias formadas por pessoas homossexuais fazem hoje parte de uma paisagem social que inclui diversos modos de relação afectiva. Esta diversidade estende-se às próprias famílias homoparentais que, tal como as famílias heteroparentais, constituem um **grupo heterogéneo**.

Quando falamos em **famílias homoparentais** podemos estar a referir-nos a dois pais ou duas mães com filhos provenientes de relações heterossexuais anteriores, a apenas um pai ou mãe homossexuais e respectivos filhos, a casais homossexuais que adoptaram uma criança ou que recorreram a métodos como a inseminação artificial para gerar uma criança. A primeira configuração, dada a dificuldade que os casais homossexuais têm no acesso a formas de parentalidade biológica, adoptiva ou por inseminação artificial, será a mais frequente.

No entanto, são ainda poucas as **estimativas nacionais do número de famílias homoparentais**. Em Portugal estima-se que o número de pessoas homossexuais com filhos varie entre os **3% e os 10%** (Costa, Pereira & Leal, 2012). Os Censos americanos de 2010 estimam que existam mais de 60 mil casais de homens e mais de 90 mil casais de mulheres com filhos menores de idade. O número de crianças a viver no seio de famílias homoparentais com dois pais ou duas mães foi estimado em 270 mil e em famílias só com um pai homossexual ou uma mãe homossexual em 540 mil (US Census Bureau, 2003).

Recentemente aumentou a **visibilidade social** destas famílias nos media, nos debates políticos e legais, assim como nas publicações académicas. A discussão do **projecto lei nº 278 XII**, que prevê a possibilidade de co-adoção por casais do mesmo sexo traduziu-se, na arena pública e social, num conjunto de **perguntas** sobre estas realidades familiares, para as quais é necessário procurar respostas.

Algumas respostas surgem assentes no estigma social – as famílias homoparentais são, não raras vezes, alvo de **ideias pré-concebidas** baseadas na orientação sexual por parte do público em geral, de juízes, legisladores e profissionais de saúde.

No entanto, muitas destas ideias pré-concebidas podem ser (e já foram) empiricamente testadas. O estudo das famílias homoparentais adveio sobretudo da preocupação com o **bem-estar e o desenvolvimento das crianças**, impulsionado quer nos Estados Unidos quer na Europa por disputas de custódia de crianças nos tribunais, onde se colocava a questão sobre se os homossexuais seriam capazes de assumir funções parentais (Costa, Pereira & Leal, 2012).

Desta forma, as **primeiras investigações** começaram a surgir, na literatura psicológica, nos **anos 70** procurando responder a um conjunto de **preocupações** que, já na altura, se levantavam: existem consequências negativas para o desenvolvimento de uma criança caso não seja criada por um pai e uma mãe? Ou as crianças de famílias homoparentais podem ser provocadas e ostracizadas pelos colegas desenvolvendo problemas emocionais e comportamentais como resultado? Uma outra preocupação frequente dizia respeito ao facto das crianças poderem apresentar um desenvolvimento de género atípico – os rapazes serem menos masculinos na

sua identidade e comportamentos e as raparigas, menos femininas. Associada a esta ideia existia ainda a expectativa de que as crianças pudessem tornar-se, elas próprias, homossexuais (resultado considerado indesejável pelos autores que defendiam esta ideia).

Estas primeiras investigações compararam crianças de famílias homossexuais femininas com crianças de famílias monoparentais femininas, assim como famílias homoparentais com famílias heterossexuais. Apesar do amplo espectro de **resultados consistentes** (no sentido de não existirem diferenças entre as crianças das duas configurações familiares no que dizia respeito ao seu desenvolvimento psicossocial e de género), estes estudos foram alvo de diversas críticas. A partir daí e já nos anos 90, iniciaram-se alguns **estudos longitudinais** e com **amostras representativas** da população. Alguns autores optaram ainda por propor uma abordagem não defensiva ao estudo das famílias homoparentais, ou seja, em vez de estudarem como é que estas famílias se desviavam das famílias heteroparentais, estudaram aquilo que em que eram semelhantes e dissemelhantes, explorando quer os benefícios quer as desvantagens com que estas famílias se confrontam.

Actualmente existe um **amplo corpo de investigações** que inclui **diversas amostras** de famílias homoparentais, a maior parte das quais corresponde a famílias homossexuais femininas, mas também homossexuais masculinas. Alguns estudos comparam crianças de famílias homossexuais femininas monoparentais com crianças filhas de famílias heterossexuais monoparentais, outros comparam crianças de casais homossexuais femininos ou masculinos com crianças de casais heterossexuais. Algumas destas investigações observaram as crianças apenas em determinada idade, entre a infância e a adolescência, outras acompanharam-nas em **diversas idades** até serem jovens adultos. A **origem geográfica** dos estudos é igualmente diversa, incluindo famílias americanas, inglesas, espanholas, belgas ou holandesas.

Este extenso conjunto de **evidências científicas** pode **contribuir e informar o debate teórico e político** acerca da co-adoção de crianças por casais homossexuais, esclarecendo se a orientação sexual deve ser considerada nestes casos.

É de sublinhar que é reconhecida à Psicologia um corpo de conhecimentos científicos sólidos e abalizados sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens. Estes conhecimentos, assim como as intervenções psicológicas devem ser sempre baseados em evidências científicas válidas, e não em julgamentos morais e pessoais. Faz parte dos deveres dos Psicólogos colocarem as suas capacidades e competências ao serviço do interesse público, sendo obrigados pelo seu Código Deontológico a não fazer afirmações públicas que sejam falsas ou fraudulentas, assim como a não fabricar resultados, a não inventar, manipular ou apresentar selectivamente as conclusões de investigações científicas.

Partindo deste enquadramento, o **objectivo deste relatório** é analisar as contribuições que a investigação psicológica pode trazer para a resolução dos assuntos práticos que se levantam no contexto dos debates políticos e legais que envolvem famílias homoparentais. Procura explorar-se dois grandes aspectos:

- **O bem-estar das crianças** de famílias homoparentais, nomeadamente no que diz respeito ao seu **desenvolvimento psicológico, emocional, social, cognitivo e sexual**;

- A qualidade das **competências parentais** dos pais homossexuais, a **qualidade das relações pais-filho** e os factores que a podem influenciar.

Para isso estruturou-se o relatório sob a forma de respostas a um grupo de **questões e dúvidas** que mais frequentemente se colocam quando a homoparentalidade está em causa. Por exemplo, Clarke (2001) realizou uma análise temática das representações sobre homoparentalidade nos *media*, cujas seis mais prevalentes foram: a homoparentalidade é pecado; a homoparentalidade não é natural; a homoparentalidade não vai de encontro ao superior interesse da criança; a homoparentalidade não proporciona modelos apropriados às crianças; as crianças de famílias homoparentais tornam-se homossexuais; as crianças de famílias homoparentais são vítimas de *bullying*. Hollekim et al. (2012) procuraram explorar as crenças da população norueguesa sobre os direitos parentais e o bem-estar das crianças com pais homossexuais. O principal receio dos 1246 indivíduos dizia respeito ao bem-estar das crianças.

Desta forma, ao longo do relatório pretendemos dar resposta às seguintes interrogações, na origem das quais existem geralmente ideias pré-concebidas que correspondem a argumentos frequentemente utilizados para justificar posições desfavoráveis à homoparentalidade:

- Os homossexuais podem ser bons pais?
- O padrão relacional dos homossexuais é compatível com a educação de uma criança?
- As crianças precisam de um pai e de uma mãe?
- A homoparentalidade põe em causa o desenvolvimento psicológico das crianças?
- As crianças filhas de homossexuais tornar-se-ão elas próprias homossexuais?
- Os pais homossexuais são pedófilos ou abusadores sexuais?
- As crianças de famílias homoparentais sofrerão discriminação?
- É preferível para as crianças viver numa instituição ao invés de numa família homoparental?
- Os estudos sobre homoparentalidade estão enviesados?

Em termos gerais e como a síntese abaixo irá demonstrar, os resultados das investigações empíricas existentes sobre a homoparentalidade e a heteroparentalidade são bastante consensuais: **a maior parte das ideias pré-concebidas e mitos sobre a homoparentalidade não são confirmados pelas evidências científicas.**

Os Homossexuais podem ser Bons Pais?

A capacidade de homossexuais femininos e masculinos para serem bons pais e desempenharem eficazmente o papel parental tem sido questionada (Patterson, 2009). Contudo, um número largo e crescente de investigações indicam **que os homossexuais são pais capazes**:

- De acordo com a investigação de Golombok et al. (2003) com crianças de famílias homoparentais femininas, existem **relações positivas mãe-criança** e um **bom ajustamento psicológico**. Não foram identificadas diferenças significativas entre as mães homossexuais e as mães heterossexuais na maior parte das variáveis de parentalidade, embora as mães homossexuais tenham reportado dar **menos palmadas** nos filhos e envolver-se mais em **brincadeiras imaginativas** e domésticas com as suas crianças do que as mães heterossexuais;
- Flaks et al. (1995) compararam 15 casais lésbicos, com filhos entre os 3 e os 9 anos de idade, com outros 15 casais heterossexuais. Os resultados do estudo não revelaram diferenças significativas entre o ajustamento diádico dos casais lésbicos e heterossexuais. Os dois grupos diferiram apenas numa área da parentalidade: os casais lésbicos demonstraram **mais consciência das competências parentais eficazes** do que os casais heterossexuais – este resultado parece estar mais relacionado com o género (feminino) do que com a orientação sexual;
- Patterson (2001) realizou um estudo com 37 famílias homossexuais femininas e respectivos filhos entre os 4 e os 9 anos de idade. Os resultados demonstraram que os relatos maternos sobre a sua **auto-estima** e **sintomas psicológicos** estavam dentro dos **valores normais**. Tal como em resultados com pais heterossexuais, a avaliação do ajustamento psicológico das crianças foi significativamente associado com medidas da saúde mental materna.

Para além de serem igualmente bons pais, os pais homossexuais também apresentam estilos parentais e vivem **experiências de parentalidade** muito semelhantes às dos pais heterossexuais (Golombok et al., 2003). Os níveis de **stress parental** dos pais homossexuais são semelhantes aos dos pais heterossexuais (Chan et al., 1998; Golombok et al., 2003). Casais homossexuais femininos e masculinos, incluindo aqueles que são co-adoptantes, sentem-se tão satisfeitos nas suas relações românticas quanto os casais heterossexuais, não existindo diferenças no **ajustamento entre o casal** (Farr, Forssell & Patterson, 2010).

Crowl, Ahn e Baker (2008) realizaram uma **meta-análise** com um total de 19 estudos, concluindo que os pais do mesmo sexo reportavam uma **melhor relação com os filhos** do que os pais heterossexuais. A maior parte dos estudos em causa foram realizados com casais lésbicos, por isso Stacey e Biblarz (2001), explicam o facto dos casais lésbicos parecerem ter uma relação mais próxima e positiva com as crianças (comparativamente aos casais heterossexuais), não pela sua orientação sexual, mas sim pelo seu género (dado que, tipicamente, as mães estão mais envolvidas na criação dos filhos do que os pais). Uma outra explicação possível reside no facto dos pais homossexuais e das mães homossexuais estarem constantemente a ser observados/atacados no que

diz respeito ao seu desempenho parental e, por isso, poderem estar sobre maior pressão para reportar melhores relações com os filhos (Crowl, Ahn e Baker, 2008).

De acordo com Ceballos Fernández (2012) as famílias homoparentais são um **espaço seguro para a educação** dos filhos. A tipologia familiar não é um indicador válido para afirmar que um determinado contexto familiar é ou não apto para educar correctamente uma criança. A autora cita uma investigação de Arranz et al. (2010) em que se constata que as famílias homoparentais representam, comparativamente a outros grupos familiares, a estrutura com o indicador mais elevado de **qualidade do contexto familiar**, revertendo essa qualidade em favor do desenvolvimento psicoafectivo das crianças.

Podemos concluir que **a orientação sexual parental não está associada a consequências ou resultados da parentalidade**. Pelo contrário, a investigação sugere que os processos familiares, como qualidade das competências parentais e a vinculação, são preditores mais importantes desses resultados (Farr, Forssell & Patterson, 2010).

A resposta, baseada nas evidências científicas, à pergunta "Os homossexuais podem ser bons pais?" é: sim. Os pais e mães homossexuais apresentam resultados iguais aos pais e mães heterossexuais no que diz respeito às competências parentais, desenvolvendo com as crianças relações de qualidade e proporcionando-lhe um contexto familiar seguro e favorável ao seu desenvolvimento.

O Padrão Relacional dos Homossexuais é compatível com a Educação de uma Criança?

De acordo com Dailey (2001) e Abbott (2012) existe um conjunto de aspectos perniciosos relacionados com o **padrão relacional dos homossexuais** (no que diz respeito às suas relações românticas) que, nas suas perspectivas, são inconsistentes com a educação adequada de uma criança: promiscuidade, violência nos casais homossexuais, maiores taxas de ruptura dos relacionamentos e infidelidade.

No entanto, a **maior parte das evidências científicas** sugerem que, tal como os heterossexuais, a maior parte dos homossexuais (masculinos ou femininos) querem **relações românticas duradouras e estáveis**. Por exemplo, D'Augelli et al. (2008) entrevistaram 133 homossexuais sobre o seu interesse em relações românticas a longo-prazo, no casamento e na parentalidade. Um terço dos homens e metade das mulheres consideraram as relações de longo prazo extremamente importantes; 61% dos homens e 82% das mulheres esperavam que essas relações fossem monogâmicas; um terço dos homens e dois terços das mulheres queriam casar; apenas 14% dos homens e quatro mulheres não estavam interessados em ter filhos.

Os homossexuais têm, na realidade, **relações a longo-prazo, estáveis e comprometidas**. Vários estudos concluíram que a vasta maioria dos homossexuais femininos e masculinos já esteve comprometido com uma relação nalgum momento da sua vida e que grande parte está, actualmente, numa dessas relações (40% a 70%

no caso dos homossexuais masculinos e 45% a 80% no caso dos homossexuais femininos) e que muitos desses casais estão juntos há 10 anos ou mais (e.g., Peplau & Fingerhut, 2007).

A investigação empírica demonstra ainda que os **aspectos psicológicos e sociais** destes relacionamentos entre casais do mesmo sexo são muito **semelhantes aos dos relacionamentos heterossexuais**. Tal como os casais heterossexuais, os casais homossexuais desenvolvem **laços de vinculação emocional e compromisso**. Os casais homossexuais lidam com assuntos relativos à intimidade, amor, equidade, lealdade e estabilidade através de processos bastante similares aos dos casais heterossexuais (e.g., Kurdek, 2004).

No que diz respeito à violência, Waterman et al. (1989) concluíram que a violência sexual ocorria apenas em 12% das relações homossexuais e vários investigadores sugerem que **a violência em relacionamentos homossexuais ocorre numa percentagem semelhante à dos casais heterossexuais** – 25% a 50% (e.g., Pitt et al., 2000).

A resposta, baseada nas evidências científicas, à pergunta “O padrão relacional dos homossexuais é compatível com a educação de uma criança?” é: sim. O padrão relacional dos homossexuais, no que diz respeito às suas relações românticas, é tão saudável quanto o dos casais heterossexuais. Não existem evidências de que os homossexuais não estabeleçam relações de afecto duradouras, estáveis e de compromisso, independentemente da sua orientação sexual, compatíveis com a educação de uma criança.

As Crianças precisam de um Pai e de uma Mãe?

O argumento, muitas vezes enunciado, do “direito natural a ter um pai e uma mãe” pressupõe a família heteroparental como o modelo mais desejável de parentalidade, sem o qual não existe um desenvolvimento infantil saudável. Contudo, este argumento parece não ter fundamentação científica.

À ideia de que as crianças precisam, simultaneamente, de um pai e de uma mãe subjaz a concepção de que a maternidade e a paternidade implicam capacidades mutuamente exclusivas e estereotipadas em termos de género, associando às diferenças biológicas e reprodutivas entre homem e mulher, diferenças de género no comportamento parental (Gato & Fontaine, 2011). Ou seja, o argumento de que as crianças precisam de um pai e de uma mãe presume que a parentalidade envolve capacidades exclusivas de um género (Biblarz & Stacey, 2010).

No entanto, de acordo com Patterson (2006) os resultados das investigações sugerem que a orientação sexual parental é menos importante do que a **qualidade das relações familiares**. Mais importante para as crianças do que o género dos pais é a **qualidade das interacções diárias e a força das relações entre os pais**. No que diz respeito à diferença entre géneros, a criança poderá construir uma noção desta diferença entre os sexos através das suas relações sociais alargadas, uma vez que **os modelos de feminino e masculino não se restringem apenas às figuras físicas de pai e de mãe**.

No que diz respeito à **qualidade das interações diárias entre pais e filhos** em famílias homoparentais sabemos que a maior parte dos estudos identifica, sobretudo, **semelhanças entre o comportamento parental de homossexuais e heterossexuais**:

- As famílias homoparentais femininas apresentam níveis superiores aos das famílias heterossexuais em várias competências parentais, como a **vigilância parental, preocupação, resolução de problemas, disponibilidade, respeito pela autonomia** dos filhos e **qualidade da vinculação e interação** progenitor-criança (Bos *et al.*, 2007; Flaks *et al.*, 1995; Golombok, Tasker e Murray, 1997);
- Constatou-se, ainda, que as famílias homoparentais femininas recorriam **menos ao uso de castigos físicos** do que as famílias heteroparentais (Golombok *et al.*, 2003), mas mais do que as famílias homoparentais masculinas (Johnson & O'Connor, 2002 cit. in Gato & Fontaine, 2011).

No que diz respeito à **qualidade das relações entre os pais** as investigações também já demonstraram que **não existem diferenças** significativas relativamente aos casais heterossexuais:

- As famílias homoparentais apresentam maior equidade no que diz respeito à **divisão do trabalho doméstico e profissional**, às **tarefas de cuidado das crianças**, às **tarefas domésticas** e processos de **tomada de decisão**, assim como à **participação em actividades com os filhos** (Bos, van Balen & van den Boom, 2007; Chan *et al.*, 1998; Ciano-Boyce & Shelley-Sireci, 2002; Fulcher, Sutfin e Patterson, 2008).

Os resultados que **favorecem as mães homossexuais** comparativamente aos casais heteroparentais podem dever-se ao facto das mulheres investirem mais do que os homens no papel parental, independentemente da sua orientação sexual. De acordo com Gato e Fontaine (2011), uma análise destes estudos sugere que as mães homossexuais exercem a parentalidade no sentido do papel de género feminino tradicional: tal como as mães heterossexuais, quando comparadas aos pais, **dedicam geralmente mais tempo aos filhos e à família e desempenham o papel parental de forma mais satisfatória**.

Embora mais escassas, as investigações sobre a homoparentalidade masculina sugerem que esta se aproxima mais da homoparentalidade feminina do que da heteroparentalidade. Os homossexuais masculinos **parecem adoptar práticas parentais identificadas como mais “femininas”** do que os pais heterossexuais (Gato e Fontaine, 2011).

Por último, Biblarz e Stacey (2010) analisaram os resultados de 81 estudos que compararam famílias homoparentais (maioritariamente femininas) com famílias heteroparentais, concluindo que o número de **semelhanças** entre estes dois tipos de casal era superior ao número de diferenças (nas variáveis relacionadas com a parentalidade estudadas na diversas investigações).

Deste modo, a resposta à pergunta “*As crianças precisam de um pai e de uma mãe?*” para crescerem saudáveis é: não. Para as crianças é mais importante a qualidade da interação com os pais e a qualidade da relação entre os pais do que o seu género ou orientação sexual. No que diz respeito à qualidade das relações pais-filhos e entre o casal, as famílias homoparentais são similares às famílias heteroparentais.

A Homoparentalidade põe em causa o Desenvolvimento Psicológico das Crianças?

O “superior interesse da criança”, ou seja, o seu desenvolvimento psicológico, emocional e social saudável será posto em causa pela homoparentalidade? Esta é, simultaneamente, uma dúvida e um argumento frequentemente utilizados em desfavor da parentalidade em casais do mesmo sexo.

Todavia, os estudos que se apresentam de seguida mostram de forma consistente que **as crianças educadas em contexto homoparental se desenvolvem tão bem como os seus pares em termos psicossociais**. Estes estudos documentam e demonstram como as crianças criadas por pais ou mães homossexuais apresentam **os mesmos resultados em diversas medidas psicológicas**, não diferindo das crianças provenientes de famílias heterossexuais.

Desenvolvimento Psicológico e Emocional

- Crowl, Ahn e Baker (2008) realizaram uma **meta-análise** de um total de 19 estudos, cuja análise revelou que as crianças criadas por pais do mesmo sexo têm um **desempenho igual** aos das criadas por pais heterossexuais, no que diz respeito ao seu **desenvolvimento cognitivo e ajustamento psicológico**. Mais, quando existiam resultados diferentes, eles eram a favor das crianças de famílias homoparentais. Anderssen et al. (2002) que também reviram 12 estudos, realizados entre 1978 e 2000, com famílias homoparentais na Europa e Norte da América, não encontraram indicações de que as crianças com mães homossexuais tivessem mais dificuldades emocionais ou problemas de comportamento do que outras crianças;
- Farr, Forssell e Patterson (2010) estudaram 106 famílias adoptantes (29 casais homossexuais, 27 homossexuais masculinos e 50 heterossexuais), com um total de 212 pais e 106 crianças. Os resultados, consistentes ao longo das avaliações realizadas pelos pais, professores e pelas próprias crianças, revelaram que crianças adoptadas precocemente por casais homossexuais estavam **tão bem ajustadas psicologicamente** quanto as adoptadas por casais heterossexuais;
- Bos et al. (2008) estudaram **crianças** de famílias homoparentais femininas e concluíram que não existiam diferenças significativas entre elas e crianças de famílias heteroparentais no que diz respeito ao **ajustamento psicológico**. Da mesma forma, Gartrell e Bos (2010), a partir de um estudo

longitudinal com **adolescentes** de famílias homoparentais femininas afirmam que estes demonstram um ajustamento psicológico saudável;

- Golombok et al. (2003) analisaram o desenvolvimento social e emocional de uma amostra da comunidade com crianças de 7 anos e as suas mães homossexuais. Foram estudados três grupos: 39 famílias homossexuais femininas, 74 famílias heterossexuais e 60 famílias monoparentais femininas heterossexuais. Concluíram que **as auto-avaliações de crianças** de famílias homoparentais **não revelavam diferenças** (das auto-avaliações de crianças de famílias heteroparentais) no que dizia respeito à **hiperactividade, sintomas emocionais ou problemas de comportamento**;
- Flaks et al. (1995) compararam 15 casais lésbicos, com filhos entre os 3 e os 9 anos de idade, com outras 15 famílias heterossexuais. Os resultados do estudo não revelaram diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao **funcionamento cognitivo**;
- No Reino Unido, Golombok e Badger (2010) realizaram um estudo longitudinal em que compararam filhos de famílias homossexuais femininas, filhos de mães solteiras e filhos de casais heterossexuais (a média de idades dos três grupos variou entre os 18 e os 19,5 anos). Estes três grupos não diferiram entre si nas medidas de **ajustamento psicológico**. No entanto, os filhos das famílias homossexuais femininas ou de mães solteiras demonstraram **níveis mais baixos de depressão, ansiedade, hostilidade e abuso de álcool** do que os filhos dos casais heterossexuais. Os primeiros apresentaram ainda níveis mais elevados de **auto-estima, competência académica e sentido de humor**;
- Goldberg et al. (2011) concluíram, utilizando uma amostra de adolescentes de 17 anos com famílias homoparentais, que estes tinham maior probabilidade de reportar **consumo de substâncias ocasional** (mas não abuso de substâncias) do que adolescentes de famílias heteroparentais; o consumo de substâncias não foi correlacionado com a estigmatização social ou a qualidade de vida;
- Wainright, Russell e Patterson (2004), assim como Wainright e Patterson (2008) recolheram dados recentes que permitiram comprar duas amostras: 44 adolescentes em lares com duas mães e 44 adolescentes em lares heterossexuais. Os autores não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos de adolescentes no que diz respeito ao **ajustamento psicológico, relações com os pares, relações românticas, comportamento sexual, resultados escolares, consumo de substâncias, delinquência ou vitimização**;
- Em Espanha, González et al. (2003) realizaram um estudo com 47 famílias homoparentais e demonstraram que as crianças destas famílias tinham **rotinas diárias em tudo semelhantes às de outras crianças**. De igual modo, as crianças demonstraram uma **competência académica** aceitável, uma **competência social** média, um **bom conhecimento sobre os papéis de género**, um **bom ajuste emocional e comportamental**, valores de **auto-estima** médios-altos e uma **aceitação grupal** razoável. Ainda em Espanha, González et al. (2004) estudaram 28 famílias espanholas de pais

homossexuais e mães homossexuais, com filhos entre os 3 e os 16 anos. Os resultados desta investigação indicaram que as crianças de famílias homoparentais apresentavam valores médios ou médio-altos de **auto-estima, competência académica e social**, não demonstrando sinais de qualquer problema clínico no seu **ajustamento emocional e comportamental**;

- Gelderen et al. (2012) compararam a **qualidade de vida** (medida do **bem-estar psicológico**) de adolescentes com famílias homossexuais femininas e heterossexuais, concluindo que não existiam diferenças;
- Gartrell, Bos e Goldberg (2010) realizaram um estudo com adolescentes de 17 anos (39 raparigas e 39 rapazes) enquadrados no estudo longitudinal americano sobre famílias homossexuais femininas. De acordo com Gartrell e Bos (2012) os adolescentes pontuaram o seu **bem-estar**, numa escala de 10 pontos, com uma média de 8, 14.

Desenvolvimento Social e Relacionamentos Interpessoais

- De acordo com Patterson (2009) a investigação confirmou repetidamente que as crianças e adolescentes de famílias homoparentais têm **relações sociais normais com os membros da família, com os pares e com adultos fora do seu círculo familiar**. Os resultados dos mais diversos estudos realizados sobre um amplo espectro de características do desenvolvimento pessoal destas crianças e famílias (problemas de separação-individação, avaliações psiquiátricas, problemas de comportamento, competências, autoconceito, locus de controlo, julgamento moral, ajustamento escolar, inteligência, vitimização e abuso de substâncias) sugerem que a preocupação que existe sobre o potencial impacto da homoparentalidade no desenvolvimento psicológico das crianças é injustificada;
- González et al. (2004) estudaram 28 famílias espanholas de pais homossexuais e mães homossexuais, com filhos entre os 3 e os 16 anos. Os resultados desta investigação indicaram que as crianças de famílias homoparentais gozavam de uma **aceitação média por parte dos seus colegas da escola** e que possuíam **relações de amizade muito satisfatórias**.
- Gartrell, Bos e Goldberg (2010) realizaram um estudo com **adolescentes de 17 anos** (39 raparigas e 39 rapazes) enquadrados no estudo longitudinal americano sobre famílias homossexuais femininas. De acordo com Gartrell e Bos (2012) os adolescentes relatavam ter **redes sociais activas e laços familiares próximos**.
- Num estudo americano relativamente recente, Wainright e Patterson (2008), investigaram uma amostra representativa de **adolescentes** que viviam com casais homossexuais femininos, comparando-os com adolescentes que viviam com casais heterossexuais. Estes autores analisaram relatos dos pares conjuntamente com os auto-relatos dos adolescentes acerca das suas **amizades, actividades com amigos e popularidade entre os colegas de turma**. Estudaram ainda medidas de

densidade e centralidade nas redes sociais de amigos. Em todas estas medidas **não houve variação com base no tipo de família**. Independentemente do tipo de família os adolescentes cujos pais descreveram relações próximas com eles relataram níveis elevados da relação interpares. Estes resultados apoiam a ideia de que **as relações e os processos intrafamiliares são preditores mais importantes das relações com os pares do que as variáveis estruturais como o tipo de família**.

- As investigações sugerem ainda que **as relações inter-geracionais em famílias homossexuais femininas são satisfatórias** e que as crianças destas famílias têm contacto com diversos adultos. Fucher et al. (2002) compararam crianças de famílias homossexuais femininas e heterossexuais não encontrando diferenças na **frequência de contacto com os avós** em função da orientação sexual parental. Patterson et al. (1998) também confirmaram que as crianças de famílias homossexuais femininas mantinham um contacto regular com os avós. Estes dois estudos reportaram ainda que as crianças mantinham contactos com amigos adultos (homossexuais e heterossexuais) das suas mães.

Face a este extenso conjunto de evidências empíricas, a resposta à pergunta "A homoparentalidade põe em causa o desenvolvimento psicológico das crianças?" é: não. As crianças e adolescentes criadas em contexto familiar homoparental apresentam um desenvolvimento psicológico, cognitivo, emocional e social saudável - tão saudável quanto o das crianças de famílias heteroparentais

As Crianças filhas de Homossexuais tornar-se-ão elas próprias Homossexuais?

Muitas vezes é sugerido que o **desenvolvimento da orientação sexual**, isto é, a escolha dos parceiros sexuais, pode estar comprometido nas crianças de famílias homoparentais.

Em primeiro lugar é preciso notar que subjaz a este receio a ideia de que há algo de "anormal", "desviante" ou "não desejável" na homossexualidade.

Esta ideia não é, desde há décadas, apoiada pelas evidências e pela comunidade científica, que consideram a **homossexualidade como uma expressão adequada da sexualidade humana**. Apenas cinco anos depois de, em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria, ter incluído a homossexualidade como perturbação mental no primeiro Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM), um estudo financiado pelo Instituto Nacional da Saúde Mental não encontrou evidências empíricas que confirmassem essa classificação. Com base nesse estudo e em vários outros que se lhe seguiram, demonstrando que a classificação original da homossexualidade reflectia não a ciência, mas o estigma social, a Associação Americana de Psiquiatria desclassificou-a como uma perturbação mental em 1973. Em 1974, a Associação Americana de Psicologia adoptou uma política que reflectia a mesma conclusão. Desde então, existe um **consenso nos profissionais e investigadores da saúde mental**: a homossexualidade é uma expressão adequada da sexualidade humana e **não coloca obstáculos a uma vida feliz, saudável e produtiva**; os homossexuais funcionam saudavelmente nas suas relações interpessoais e na sua participação nas instituições sociais.

Sobre a **influência da parentalidade no desenvolvimento da orientação sexual** de uma criança, diferentes teorias psicológicas e diferentes autores propõem ideias diferentes, sublinhando o papel ora dos factores biológicos e hormonais, ora das experiências sociais e processos cognitivos (Farr, Forssell & Patterson, 2010). No entanto, a perspectiva prevalecente no que à orientação sexual diz respeito é de que esta é moldada por um conjunto de determinantes que incluem influências genéticas, hormonais, e ambientes/familiares (Golombock, 2000 cit. in Gartrell, Bos & Goldberg, 2010). Entre as **influências hormonais**, níveis maternos elevados de androgénio durante a gravidez têm sido associados com a homossexualidade dos filhos (Hines et al., 2004). Entre as **influências ambientais** possíveis, crescer numa família homoparental pode alargar as possibilidades de identificação sexual das crianças, uma vez que os pais homossexuais e as mães homossexuais têm menor probabilidade de estigmatizar as relações homossexuais e estão mais abertos a discutir assuntos relacionados com a sexualidade (Fulcher et al, 2008; Bos & Sandfort, 2010).

Apesar de não ser conhecida a contribuição exacta das práticas parentais e do ambiente de socialização para o desenvolvimento psicosssexual da criança, vários investigadores têm procurado dar resposta à questão:

- Bailey et al. (1995) realizaram um estudo com 55 homens homossexuais ou bissexuais e os seus 82 filhos de pelo menos 17 anos. **Mais de 90% destes filhos eram heterossexuais**, sendo que a orientação sexual dos filhos não foi correlacionada com o tempo que tinham vivido com os pais;
- De acordo com Vecho e Schneider (2005 cit. in Gato e Fontaine, 2011), 85% dos estudos publicados antes de 2003 verificaram uma **proporção de filhos com orientação sexual homossexual semelhante à encontrada na população geral** (entre 0 a 10%);
- Golombock e Tasker (1996) realizaram um estudo longitudinal em que entrevistaram 25 filhos adultos de mães homossexuais e 21 adultos filhos de mães heterossexuais (primeiro por volta dos 9,5 anos e mais tarde por volta dos 23,5 anos) e **não encontraram diferenças significativas na percentagem de filhos que se identificavam como sendo homossexuais femininos ou masculinos**. Ainda assim os filhos de famílias homossexuais femininas apresentavam **maior probabilidade de explorar relações do mesmo sexo**: seis dos filhos de mães homossexuais femininas tinham tido experiências com pessoas do mesmo sexo, enquanto nenhum dos filhos de mães heterossexuais relatou esse tipo de experiência;
- Golombock e Badger (2010) verificaram que todos os 18 jovens adultos de famílias homossexuais femininas que entrevistaram se identificavam como sendo **heterossexuais**, com excepção de uma jovem que se identificou como bissexual;
- Gartrell, Bos e Goldberg (2010) realizaram um estudo com adolescentes de 17 anos (39 raparigas e 39 rapazes) enquadrados no estudo longitudinal americano sobre famílias homossexuais femininas. Os adolescentes eram questionados sobre a sua identidade e comportamento sexual. No que diz respeito à sua orientação sexual 18,9% das raparigas e 2,7% dos rapazes auto-avaliaram-se no espectro bissexual e 0% das raparigas e 5,4% dos rapazes como predominantemente ou

exclusivamente homossexuais. As raparigas apresentaram maior probabilidade de se envolverem em contactos sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Este conjunto de investigações sugere que **a orientação sexual das crianças não depende da orientação sexual parental.**

Deste modo, a resposta à pergunta “As crianças filhas de homossexuais tornar-se-ão elas próprias homossexuais?” é: não, não mais do que crianças de outro tipo de configurações familiares. A orientação sexual dos filhos não parece depender da orientação sexual parental.

Os Pais Homossexuais Masculinos são Pedófilos ou Abusadores Sexuais?

A crença de que existe uma associação entre homossexualidade e pedofilia ou o abuso sexual das crianças ainda é largamente partilhada. Esta ideia pré-concebida não é, todavia, confirmada pelas investigações empíricas:

- Gartrell, Bos e Goldberg (2010) realizaram um estudo com adolescentes de 17 anos (39 raparigas e 39 rapazes) enquadrados no estudo longitudinal americano sobre famílias homossexuais femininas. Os adolescentes eram questionados sobre terem ou não sofrido abuso e, em caso afirmativo, por quem e que tipo de abuso (emocional, verbal, físico ou sexual). Os resultados revelaram que **não existiam relatos de vitimização física ou sexual** por um pai/cuidador;
- Jenny et al. (1994) realizaram um estudo incluindo 269 casos de abuso sexual de crianças, sendo que **apenas dois abusadores eram homossexuais**;
- Outros estudos (e.g. Gold et al., 1994) revelam que crianças de pais homossexuais são **menos propensas a serem vítimas de abuso físico ou sexual** pelos pais.

A resposta à pergunta “Os pais homossexuais masculinos são pedófilos ou abusadores sexuais?” é: não. Parece ser menos provável que crianças de famílias homoparentais sejam vítimas de abuso físico ou sexual por parte dos pais.

As Crianças de Famílias Homoparentais sofrerão Discriminação?

Uma vez que o ambiente social pode ter um impacto marcante na qualidade de vida familiar e no bem-estar psicológico das crianças, esta pergunta corresponde a uma das maiores preocupações relacionadas com as crianças de famílias homoparentais: a possível discriminação, exclusão social, ridicularização, provocação por parte dos outros (nomeadamente os pares) e as consequências negativas para o desenvolvimento e para o comportamento das crianças que daí podem advir.

Os resultados da investigação sobre esta temática não são consensuais. Alguns autores reportam dados que vão no sentido da existência de **experiências de discriminação negativa** por parte das crianças de famílias homoparentais:

- Dos pais homossexuais e bissexuais inquiridos no Reino Unido por Barrett e Tasker (2001), 37% reportaram que os/as seus/suas filhos/as tinham sido **vítimas de discriminação**;
- Robitaille e Jacques (2009) conduziram onze entrevistas semiestruturadas com adolescentes e jovens adultos, entre os 15 e os 29 anos, de famílias adoptivas homoparentais. Os autores concluíram que os jovens experienciavam **estigma social** devido ao tipo de família de onde provinham, que se repercutia nas suas vidas pessoais e interpessoais;
- Bos et al. (2008) referem que face a experiências negativas de discriminação, as crianças de famílias homossexuais femininas têm maior probabilidade de apresentar **problemas emocionais e de comportamento**; Gershon et al. (1999) referem o seu impacto na **auto-estima**.

Outros autores apresentam resultados mistos – revelam simultaneamente a existência de **discriminação e de factores protectores e de resiliência** que diminuem o seu impacto negativo:

- A investigação de Gelderen et al. (2012a), com 78 adolescentes de famílias homossexuais femininas, revelou que quase metade dos adolescentes relatava ter sido tratados injustamente (**estigmatizados, provocados, ridicularizados, excluídos de actividades**) devido à homossexualidade das mães. No entanto, estas experiências de estigmatização não foram associadas a uma diminuição da qualidade de vida e os adolescentes utilizavam mais **estratégias adaptativas** (como o optimismo) do que estratégias desadaptativas (como o evitamento) para lidar com essas experiências negativas;
- Bos e van Balen (2008) avaliaram a forma como crianças holandesas de famílias homossexuais femininas, entre os 8 e os 12 anos, experienciavam o estigma social, assim como a influência de factores protectores (relação com os pais, aceitação social pelos pares, contacto com crianças de outras famílias homoparentais). Os dados recolhidos, das crianças e das suas mães, permitiram concluir que as crianças apresentavam **níveis baixos de estigmatização**. No entanto, os rapazes reportavam mais frequentemente serem excluídos pelos seus pares por causa da sua configuração familiar. As raparigas reportavam mais frequentemente serem alvo de comentários sobre o facto de terem duas mães. O **contacto frequente com outras crianças de famílias homoparentais** funcionava para estas crianças como um **factor protector** contra a influência negativa da estigmatização na auto-estima;
- Gartrell, Bos e Goldberg (2010) realizaram um estudo com adolescentes de 17 anos (39 raparigas e 39 rapazes) enquadrados no estudo longitudinal americano sobre famílias homossexuais femininas. Com base neste estudo Bos e Gartrell (2010) examinaram o impacto do estigma homofóbico no

bem-estar destes adolescentes, que foram questionados sobre as suas experiências de serem discriminados devido à orientação sexual das mães. Os resultados revelaram que **41% dos adolescentes tinham sentido o estigma da homofobia**, sendo que este estigma tinha um impacto negativo no seu bem-estar psicológico. Esta estigmatização estava associada com mais **problemas de comportamento** nestes adolescentes, mas a **compatibilidade familiar (o ambiente de amor, cuidado e apoio das mães) neutralizava esta influência negativa**. Os resultados do estudo indicam que os adolescentes que têm uma relação próxima e positiva com as suas mães homossexuais demonstram **resiliência na resposta ao estigma**. Nas entrevistas realizadas com os filhos deste mesmo estudo aos 10 anos de idade, identificavam-se dois grupos de crianças que demonstravam maior resiliência face ao estigma: aquelas que frequentavam escolas nas quais o currículo incluía consciencialização sobre a homossexualidade e aquelas cujas mães se descreviam como membros activos da comunidade lésbica (Bos et al., 2008). No caso dos adolescentes, Gershon et al. (1999) concluíram ainda que a revelação aos seus pares da homossexualidade materna melhorava o seu bem-estar psicológico e aumentava a auto-estima. Os adolescentes que procuravam **apoio social** como uma **estratégia de coping** em resposta à estigmatização homofóbica tinham melhor auto-estima comparativamente àqueles que não usavam essa estratégia;

- Goldberg et al. (2011) não encontraram associações entre a estigmatização homofóbica e o uso de substâncias ou a qualidade de vida em adolescentes.

Outros autores ainda reportam a **não existência de problemas relacionados com a discriminação** ou afirmam que as crianças de famílias homoparentais **não são mais discriminadas do que outras crianças**:

- Andersen et al. (2002), na sua meta-análise, analisaram diversos estudos e, em termos gerais, encontraram **poucas ou nenhuma evidências de abuso ou bullying** de crianças de famílias homoparentais devido à orientação sexual dos pais, embora os estudos também revelem que as crianças se preocupam com a possibilidade de serem estigmatizadas;
- Apesar dos receios das crianças de famílias homoparentais estas **não parecem ser mais provocadas ou vítimas de bullying** do que os seus pares. Um estudo recente realizado a partir de uma amostra alargada e nacional de adolescentes dos Estados Unidos revelou que os adolescentes de famílias homoparentais não tinham sido sujeitos a mais vitimização física do que os adolescentes de famílias heteroparentais (Wainright & Patterson, 2006);
- No Reino Unido, Rivers et al. (2008) compararam 18 estudantes de famílias homossexuais femininas, com idades entre os 12 e os 16 anos, com outros 18 estudantes de famílias heteroparentais. Os resultados da investigação indicaram que **as crianças não diferiam nas suas experiências de vitimização**. Embora as crianças de famílias homoparentais reportassem várias formas de vitimização pelos pares, as crianças de famílias heteroparentais relatavam experiências semelhantes;

- Vanfraussen et al. (2002) entrevistaram crianças de famílias homossexuais femininas e concluíram que a maior parte das crianças partilha espontaneamente com os outros o facto de viver com duas mães e que os seus amigos reagem positivamente. Comparativamente a crianças de famílias heteroparentais, as crianças de famílias homossexuais femininas **não têm maior probabilidade de serem gozadas pelos pares**, mas são mais propensas a incidentes de provocação relacionados com a família. No entanto, a sua configuração familiar não parece interferir com o seu bem-estar psicológico;
- Entre 2009 e 2010, no Reino Unido, o *Programa Educativo Stonewall* em conjunto com o Centro de Investigação Familiar da Universidade de Cambridge realizaram um conjunto de entrevistas e *focus grupos* com 82 crianças e jovens (entre os 4 e os 27 anos) de famílias homossexuais femininas, masculinas e bissexuais. Este estudo pioneiro procurou compreender a **experiência de crianças de famílias homoparentais** e chegou à conclusão que as suas vivências são semelhantes à de muitas crianças negras, asiáticas ou judias: **é o preconceito dos outros, e não as suas próprias características pessoais ou familiares, que lhes causa mais sofrimento**. No que diz respeito aos sentimentos relativamente à sua família, as crianças revelaram que a percecionavam como sendo especial e diferente, mas que isso era algo a celebrar e não motivo de preocupação. Sobre o que os outros sentiam sobre a sua família, as crianças disseram que **os outros (incluindo os amigos da escola) pensavam que era uma coisa boa ter pais homossexuais ou então não lhe davam a mínima importância**. Por outro lado, o facto de algumas pessoas julgarem que por terem pais homossexuais, as crianças não terão um bom desenvolvimento ou educação, pode perturbar e aborrecer as crianças de famílias homoparentais. Estas crianças gostam dos seus pais, mas também gostariam que os outros fossem mais tolerantes e aceitadores. Sobre as suas experiências na escola, as crianças de famílias homoparentais dizem **não gostar da forma como a palavra “gay” é usada como insulto**; algumas crianças acham fácil responder às questões dos colegas sobre a sua família, mas outras consideram-no aborrecido e desconfortável; algumas crianças sentem-se invisíveis uma vez que as famílias homossexuais femininas, masculinas ou bissexuais não são mencionadas e isso fá-las ter algum receio de contar aos outros sobre as suas famílias; **algumas crianças preocupam-se com o bullying especialmente quando vão pela primeira vez para a escola secundária, mas a maior parte ainda não foi vítima de bullying por ter pais homossexuais**; as crianças de famílias homoparentais gostariam que nas escolas se falasse sobre diferentes famílias e se terminasse o *bullying* homofóbico (Guasp, 2010):
- A experiência de discriminação também não parece ser universal. Por exemplo, Bos et al. (2008), ao compararem crianças dos Estados Unidos e da Holanda verificaram que **as crianças americanas experienciavam mais homofobia do que as holandesas** (assim como mais problemas emocionais e comportamentais). Nos países considerados mais liberais no que diz respeito às suas atitudes relativamente à homossexualidade (o Reino Unido, a Holanda, a Bélgica ou o Canadá) não parecem identificar-se tantas diferenças na provocação ou discriminação das crianças filhas de pais homossexuais e filhas de pais heterossexuais. Desta forma, parece que a vida está mais facilitada **(menos discriminação homofóbica e maior ajustamento psicológico) para as famílias**

homoparentais e respectivos filhos nos países em que existe um clima de tolerância e aceitação da homossexualidade (Bos et al., 2008).

Independentemente de provirem ou não de uma família homoparental as crianças podem ser alvo dos mais diversos tipos de discriminação: baseados na **raça ou na etnia** (por exemplo, por serem negras ou ciganas), baseados na **xenofobia** (por exemplo, por serem filhas de imigrantes), baseados na **religião** (por exemplo, por serem muçulmanas), baseados na **incapacidade ou deficiência** (por exemplo, por terem necessidades educativas especiais) ou baseados em **características que as diferenciam dos outros** (por exemplo, obesidade, nome incomum, sinais ou cicatrizes na pele, etc.). A título de exemplo reportam-se alguns estudos que o comprovam:

- Greene et al. (2006) realizaram um estudo longitudinal com **adolescentes negros, latinos e asiático-americanos**. Os resultados revelaram que os adolescentes se sentiam discriminados pelos pares, assim como por adultos figuras de autoridade. Esta discriminação estava significativamente associada a uma diminuição da auto-estima e a um aumento dos sintomas depressivos;
- Toomey et al. (2010) reportam que adolescentes que pertencem a uma **minorias sexual** (homossexuais femininos, homossexuais masculinos, bissexuais e transgéneros) sofrem um tratamento injusto por parte dos professores e colegas da escola, assim como são alvo de discriminação social, com implicações negativas no seu ajustamento psicossocial;
- De acordo com Washington (2011) as **crianças obesas** são muitas vezes alvo de provocação e discriminação pelos seus pares. O estigma associado à obesidade pode influenciá-las de várias formas, inclusivamente o seu sucesso académico, os cuidados de saúde que recebem e o acesso ao emprego.

Neste sentido, **a existência de discriminação ou estigma homofóbico não parece ser um argumento válido contra a homoparentalidade**, uma vez que, logicamente, esse argumento teria de ser aplicado aos pais negros ou obesos ou portadores de alguma deficiência, por exemplo.

Tendo em conta os resultados mistos encontrados pelas investigações e relatados pelas crianças de famílias homoparentais:

- **Não é possível retirar conclusões definitivas, mas a maior parte dos estudos sugere que, apesar de algumas evidências de discriminação, as crianças de famílias homoparentais estão bem adaptadas socialmente** e encontram estratégias e mecanismos para fazer face a essa discriminação;
- Parece ser provável a **influência do contexto social, mais ou menos tolerante ou discriminatório, nas experiências vivenciadas pelas crianças de famílias homoparentais** (Gato e Fontaine, 2011).

Desta forma, a resposta à pergunta "*As crianças de famílias homoparentais sofrerão discriminação?*" é: provavelmente. No entanto, isso não as impedirá, como não impede outras crianças alvo de discriminação (e provenientes dos mais variados tipos de famílias) de se desenvolverem saudavelmente e manterem relações positivas com os outros, uma vez que existem factores de protecção e resiliência que diminuem ou anulam os possíveis efeitos negativos da discriminação.

É preferível para as Crianças viver numa Instituição ao invés de numa Família Homoparental?

Uma outra pergunta que se ouve com alguma frequência quando o tema são as famílias homoparentais é se não seria preferível (para o seu desenvolvimento saudável) as crianças viverem numa instituição.

Não encontramos na literatura investigações que comparem directamente crianças de famílias homoparentais com crianças institucionalizadas. No entanto, **os resultados dos estudos que comparam crianças a viver em meio familiar com crianças institucionalizadas são claramente desfavoráveis para estas últimas**. No sentido em que podem contribuir para responder a esta questão, pelas inferências passíveis de serem deduzidas, apresentam-se de seguida alguns desses resultados:

- MacLean (2003) revê diversos estudos sobre crianças que passaram os primeiros anos das suas vidas em instituições. Os resultados, ao longo destes estudos, são consistentes em mostrar o **impacto negativo da institucionalização em todos os aspectos do desenvolvimento infantil** – intelectual, físico, comportamental, social e emocional;
- Johnson et al. (2006) realizaram uma revisão sistemática da literatura e descobriram que entre 1944 e 2003, existiam 2624 artigos sobre os efeitos da institucionalização de crianças. Os autores reviram em detalhe 27 destas investigações, 17 das quais procuraram medir os problemas sociais e comportamentais mais prevalentes nestas crianças, em comparação com crianças a viver em meio familiar. **Evidências de consequências negativas quer a nível social quer comportamental para as crianças institucionalizadas** foram reportadas em 16 estudos (94%), que sublinhavam **problemas de comportamento anti-social, competência social e relacionamento com os pares**. Doze dos estudos revistos debruçavam-se sobre os laços de vinculação emocional e apenas um não suportou a evidência de mais dificuldades de vinculação nas crianças institucionalizadas. Os resultados sugerem ainda que a falta de uma relação “de um para um” com o cuidador é a principal causa de perturbação;
- De acordo com Browne (2009), as investigações das últimas décadas confirmam que a institucionalização das crianças tem um impacto negativo nos vários aspectos do seu desenvolvimento e predispõe a **problemas comportamentais e sociais na idade adulta**. Há ainda

várias investigações que reportam uma taxa elevada de **maus-tratos, abusos e violências em crianças institucionalizadas**. Também é consensual que a retirada da instituição e a colocação numa família adoptiva pode contribuir para a recuperação da criança;

- Bos et al. (2011) estudaram 136 crianças romenas institucionalizadas (metade das quais, durante o estudo, foram adoptadas, permanecendo a restante metade numa instituição). As crianças foram avaliadas diversas vezes, em diferentes idades, em vários domínios: crescimento físico, função cognitiva, desenvolvimento sócio emocional, vinculação, problemas de comportamento e sintomatologia psiquiátrica. Esta investigação confirmou os resultados de investigações anteriores: **existem sequelas negativas para a saúde mental decorrentes da institucionalização das crianças**. Os resultados confirmam ainda os benefícios da adopção para estas crianças: a retirada da instituição e **colocação numa família adoptiva trouxe para estas crianças melhorias nos padrões de vinculação, redução dos sinais de retirada emocional, afectos mais positivos, redução da prevalência de perturbações da saúde mental**;
- Em Portugal, Magalhães (2012) estudou uma amostra de 120 crianças portuguesas (sendo 60 institucionalizadas e 60 pertencentes ao grupo de controlo), com idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos, com o objectivo de avaliar se a institucionalização interferia na intensidade da depressão. Os resultados demonstraram existir uma **intensidade de depressão superior nas crianças institucionalizadas**; o tempo de institucionalização também mostrou estar correlacionado significativamente com a intensidade da depressão nestas crianças; as crianças institucionalizadas apresentaram **maior intensidade de humor negativo, problemas interpessoais, ineficácia, anedonia e auto-estima negativa**, comparativamente às crianças a viver em meio familiar;
- Também em Portugal, Pinhel, Torres e Maia (2009) compararam um grupo de 16 crianças em meio familiar de vida (não institucionalizadas) e um grupo de 19 crianças institucionalizadas em Centros de Acolhimento Temporário ou Lares de Crianças e Jovens, com idades entre os 48 e os 96 meses de idade. Os resultados obtidos revelam que os conteúdos das narrativas produzidas pelas **crianças institucionalizadas** são distintos dos conteúdos das narrativas produzidas pelas crianças em meio familiar: as primeiras obtiveram **valores inferiores de segurança e coerência na representação da vinculação**, assim como **desempenho inferior no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo verbal**.

Com todas as vantagens que as instituições podem representar para as crianças para as quais não existem outras alternativas, a partir destes exemplos é possível concluir que **é preferível para o desenvolvimento bem-sucedido e para o bem-estar da criança viver num ambiente familiar** (mesmo com uma configuração homoparental - deduz-se destes resultados e dos resultados apresentados para as perguntas anteriores) ao invés de numa instituição.

A resposta à pergunta "*É preferível as crianças viverem numa instituição ao invés de numa família homoparental?*" é então: **não**. A institucionalização traduz-se num conjunto de desvantagens psicológicas, cognitivas, emocionais e sociais para a criança. As crianças que vivem em contexto homoparental não sofrem de nenhuma destas desvantagens e têm acesso a um ambiente familiar que potencia o seu desenvolvimento.

Os Estudos sobre Homoparentalidade estão Enviesados?

As investigações às quais se recorreu para responder às perguntas anteriores, ainda que consensuais nos seus resultados, têm sido, como é natural em ciência, alvo de diversas críticas e são-lhes apontadas algumas **limitações metodológicas**, entre as quais:

- Existem poucas pesquisas com **famílias homoparentais masculinas**, a maior parte das investigações sobre homoparentalidade tem sido realizada com famílias homossexuais femininas e, por isso, a generalização dos resultados às famílias homossexuais masculinas, nalguns casos, deve ser feita com cautela (Biblarz & Stacey, 2010; Gato & Fontaine, 2010);
- Muitas investigações utilizaram **amostras pequenas, amostras não representativas** da população (cujos resultados só se aplicam à própria amostra), **instrumentos de auto-relato e instrumentos pouco fiáveis, não incluíram grupos de comparação** e informaram os participantes dos objectivos do estudo (o que pode ter aumentado o efeito da **desejabilidade social**). Por isso, nesses casos, é necessário algum cuidado na generalização dos resultados (Farr, Forssell & Patterson, 2010; Abbott, 2012);
- A maior parte das amostras analisadas é constituída por participantes **caucasianos**, de **nível económico médio ou alto**, provenientes de **centros urbanos** e com **elevado nível educacional**, o que impõe alguns limites à generalização das conclusões para a população homossexual mais amplamente considerada;
- Para alguns autores a utilização de estudos comparativos, entre famílias homoparentais e heteroparentais, **reforça a heteronormatividade** (Gato, 2012), no entanto, para outros, a utilização de grupos de comparação heteroparentais tem a vantagem de permitir **desafiar os estereótipos e preconceitos** sobre a homoparentalidade (Stacey & Biblarz, 2001);
- Stacey e Biblarz (2001) consideram que os estudos comparativos sobre homoparentalidade têm adoptado uma **postura defensiva**, não reconhecendo que algumas dimensões, sobretudo as que se relacionam com o género e a sexualidade, possam ter mais importância do que aquela que lhes é dada nos estudos. No entanto, de acordo com os dois autores, as diferenças que se verificam (por exemplo, o padrão mais flexível de género ou a abertura ao relacionamentos sexuais do mesmo sexo) devem ser encaradas com mais naturalidade e até como um aspecto positivo;

- Abbott (2012) refere ainda que a maior parte dos dados sobre a temática da homoparentalidade foram recolhidos por **investigadores homossexuais**, facto que, na sua perspectiva, não pode deixar de influenciar o processo de pesquisa (ou a forma como os resultados são apresentados).

Por sua vez, a **utilização destas críticas como argumento de desvalorização dos resultados** encontrados pelos estudos empíricos **tem sido também criticada**:

- De acordo com Meezan e Rauch (2005) estes **desafios e limitações** (assim como as falhas que delas resultam) **não são exclusivos da investigação da homoparentalidade**. Portanto, é necessário colocá-los em perspectiva: **as evidências encontradas oferecem muita informação** pelo menos acerca das crianças que, em particular, têm sido estudadas. Aquilo que as investigações não permitem, pelas limitações metodológicas enunciadas, é saber se as crianças estudadas são típicas ou atípicas da população geral das crianças criadas por casais homossexuais (que é igualmente desconhecida, uma vez que não é possível determinar o universo dos pais homossexuais);
- Meezan e Rauch (2005) consideram ainda que, nos últimos anos, os investigadores têm melhorado os **métodos de investigação**. Estudos mais recentes utilizam **amostras maiores e representativas**, utilizam metodologias **longitudinais** e instrumentos estandardizados, válidos e fiáveis. Os autores identificam, por exemplo, os estudos de Wainright, Russell e Patterson (2004); Golombok et al. (2003); e Chan, Raboy e Patterson (1998) como estudos que confirmam as conclusões do amplo corpo de pesquisa citado e possuem todo o **rigor científico**;
- Também Gato e Fontaine (2011) consideram que as investigações com amostras de maior dimensão e com amostras representativas da população têm **replicado os resultados** encontrados nos estudos com amostras não representativas e de menor dimensão. Para além disso, os estudos longitudinais também têm permitido observar a estabilidade de alguns resultados obtidos de forma transversal;
- De acordo com Costa, Pereira e Leal (2005) e Anderssen et al. (2002), a diversidade de métodos utilizados também pode ser considerada uma mais-valia e reforçar a **consistência das suas conclusões**, uma vez que os resultados são semelhantes mesmo quando obtidos através de diferentes metodologias de investigação;
- O aparecimento de investigações mais centradas nos **processos de desenvolvimento** (do que nos resultados), na **família alargada** ou na **percepção que as crianças têm** da homoparentalidade assinala também uma diferença relativamente ao paradigma inicial das investigações;
- Amato (2012) acrescenta que algum conhecimento é melhor do que nenhum e que mesmo a parte da investigação sobre homoparentalidade que sofre de algumas limitações, desempenhou um papel importante no “lançamento” da investigação sobre o tema. Para além disso, os resultados obtidos oferecem lições importantes: **se crescer com pais homossexuais fosse tão catastrófico para as**

crianças até os estudos baseados em amostras pequenas e não representativas já o teriam demonstrado.

Por um lado, no futuro, será **desejável que a investigação sobre homoparentalidade seja expandida** em várias direcções. Por outro lado, para afirmar cabalmente que uma forma particular de família é a ideal seria necessário avaliar um conjunto imensurável e inextricável de variáveis. Biblarz e Stacey (2010) prevêem que, mesmo que tal acontecesse, o desenho de investigação perfeito chegaria à conclusão de que **a parentalidade ideal existe de diferentes formas e géneros.**

Concluindo, a resposta à pergunta “Os estudos sobre homoparentalidade estão enviesados?” é: não. Apesar da existência de algumas limitações – inerentes ao processo de investigar um tema – permanece claro que as evidências científicas que já existem sobre o desenvolvimento de crianças filhas de pais e mães homossexuais são válidas e não suportam a discriminação legal contra a homoparentalidade.

Posições de Associações e Entidades Profissionais

Outras **associações e entidades profissionais**, amplamente reconhecidas pelo seu prestígio e competência, têm recorrido aos estudos, investigações e evidências científicas enunciadas neste relatório para fundamentar as suas posições sobre o mesmo assunto. Por exemplo:

- A **Associação Americana de Psicologia** (APA, 2004) afirmou que *“There is no scientific basis for concluding that lesbian mothers or gay fathers are unfit parents on the basis of their sexual orientation (Armesto, 2002; Patterson, 2000; Tasker & Golombok, 1997). On the contrary, results of research suggest that lesbian and gay parents are as likely as heterosexual parents to provide supportive and healthy environments for their children. (...) Overall, results of research suggest that the development, adjustment, and well-being of children with lesbian and gay parents do not differ markedly from that of children with heterosexual parents”*;
- A **Associação Americana de Psicanálise** (APsaA, 2012) emitiu a seguinte declaração: *“Accumulated evidence suggests the family factors that are important for children’s outcomes and well-being are family processes and the quality of interactions and relationships. Evaluation of an individual or family for these parental qualities should be determined without prejudice regarding actual or perceived sexual orientation, gender identity or gender expression. There is no credible evidence that shows that a parent’s sexual orientation or gender identity will adversely affect the development of the child. (...) APsaA opposes any discrimination based on actual or perceived sexual orientation, gender identity or gender expression, against individuals in regard to their rights as biologic, custodial, foster, or adoptive parents. Children deserve to know that their relationships with their parents are stable and legally recognized”*;

- O **Colégio Oficial de Psicólogos de Madrid** (2004) declarou o seguinte: *“Según los estudios científicos existentes en la actualidad no puede afirmarse que los niños educados por familias homoparentales sufran perjuicios en su desarrollo psicológico”*;
- A **Academia Americana de Pediatría** (AAP), numa declaração recente (2013), afirma o seguinte: *“Children need secure and enduring relationships with committed and nurturing adults to enhance their life experiences for optimal social-emotional and cognitive development. Scientific evidence affirms that children have similar developmental and emotional needs and receive similar parenting whether they are raised by parents of the same or different genders. If a child has 2 living and capable parents who choose to create a permanent bond by way of civil marriage, it is in the best interests of their child(ren) that legal and social institutions allow and support them to do so, irrespective of their sexual orientation”*;
- A **Associação Americana de Psiquiatria** (APA, 2002) declarou que: *“Research indicates that optimal development for children is based not on the sexual orientation of the parents, but on stable attachments to committed and nurturing adults. The research also shows that children who have two parents, regardless of the parents’ sexual orientations, do better than children with only one parent. (...) The American Psychiatric Association supports initiatives which allow same-sex couples to adopt and coparent children and supports all the associated legal rights, benefits, and responsibilities which arise from such initiatives”*;
- A **Academia Americana de Psiquiatria da Criança e do Adolescente** (2009), declarou publicamente o seguinte: *“All decisions relating to custody and parental rights should rest on the interest of the child. There is no evidence to suggest or support that parents who are lesbian, gay, bisexual, or transgender are per se superior or inferior from or deficient in parenting skills, child-centered concerns, and parent-child attachments when compared with heterosexual parents. There is no credible evidence that shows that a parent's sexual orientation or gender identity will adversely affect the development of the child”*.

Conclusão

Os principais argumentos contra a homoparentalidade (e a co-adoção por casais do mesmo sexo) centram-se no efeito adverso que se presume que esta configuração familiar tenha na criança.

Contudo, ao longo das duas últimas décadas, a maior parte das investigações (de carácter qualitativo e quantitativo, de tipo transversal ou longitudinal, recorrendo a diferentes amostras) e das revisões de literatura sobre a saúde psicológica e o bem-estar das crianças com pais do mesmo sexo convergem nos seus resultados: **as semelhanças entre as famílias homoparentais e heteroparentais são bastante superiores às diferenças que possam existir entre elas.**

É consensual que **não existem diferenças** entre as crianças provenientes de famílias homoparentais e as crianças provenientes de famílias heteroparentais no que diz respeito a **aspectos desenvolvimentais, cognitivos, emocionais, sociais e educacionais.**

Também os estudos dedicados às competências parentais, à saúde mental, à capacidade para estabelecer laços de vinculação e ao ajustamento relacional entre casais homossexuais apontam, na generalidade, para a **não existência de diferenças significativas em comparação com pais e mães heterossexuais.**

Embora os resultados consistentes que apontam na direcção da não existência de diferenças tenham sido postos em causa por alguns autores (e.g. Stacey & Biblarz, 2001), nomeadamente no que diz respeito à orientação sexual de crianças educadas por pais homossexuais, **os estudos empíricos revistos** indicam que as crianças de famílias homoparentais não têm maior probabilidade de serem homossexuais do que as crianças de famílias heteroparentais. No que diz respeito à discriminação das crianças de famílias homoparentais – que poderia conduzir a problemas com os pares – as evidências são mistas, mas a maior parte dos estudos não encontra problemas.

Deste modo, parecer haver **convergência na comunidade científica** sobre o facto da **configuração familiar** (seja ela homoparental ou heteroparental) **não ser um aspecto determinante para o desenvolvimento das crianças, mas sim a dinâmica relacional familiar.** O fundamental é que o contexto familiar ofereça afecto e comunicação, seja sensível às necessidades da criança, viva de modo estável e impondo normas adequadas, no seio de relações harmoniosas. Se estas funções parentais forem cumpridas, a orientação sexual dos pais, em si mesma, não parece ser a variável mais relevante quando se tem de determinar o modo de construção do desenvolvimento psicológico das crianças.

Em resumo, **as evidências científicas apontam nas seguintes direcções:**

- Não existe base científica para afirmar que os homossexuais femininos e masculinos não são capazes de criar e educar crianças saudáveis e bem-ajustadas;
- Não existe fundamentação científica para concluir que os pais homossexuais ou as mães homossexuais não serão bons pais/mães apenas com base na sua orientação sexual;

- Mulheres homossexuais e heterossexuais partilham abordagens semelhantes na educação de uma criança; os pais homossexuais não são diferentes dos pais heterossexuais no que diz respeito à sua capacidade parental e de promover um desenvolvimento saudável de uma criança.

As evidências científicas sugerem então que decisões importantes sobre a vida de crianças e adolescentes (como a determinação da co-adoção) sejam tomadas não com base na orientação sexual dos pais, mas na qualidade das suas relações com os pais.

Conclui-se que os resultados das investigações psicológicas apoiam a possibilidade de co-adoção por parte de casais homossexuais, uma vez que não encontram diferenças relativamente ao impacto da orientação sexual no desenvolvimento da criança e nas competências parentais.

Referências Bibliográficas

- Abbott, D. (2012). Do Lesbian Couples Make Better Parents than Heterosexual Couples?. *International Journal of Humanities and Social Science*, 2 (13), 30-46.
- Almeida, M. (2006). Homoparentalidade – Uma perspectiva antropológica. In E. Ferreira (org.), *Homoparentalidade* (Actas do Encontro sobre Homoparentalidade). Lisboa: ISPA.
- Amato, P. (2012). The well-being of children with gay and lesbian parents. *Social Science Research*, 41, 771-774.
- American Academy of Child & Adolescent Psychiatry (2009). Gay, Lesbian, Bisexual or Transgender Parents Policy Statement. Disponível Online em:
http://www.aacap.org/cs/root/policy_statements/gay_lesbian_transgender_and_bisexual_parents_policy_statement.
- American Academy of Pediatrics, Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health (2013). Policy Statement: Promoting the Well-Being of Children Whose Parents Are Gay or Lesbian. *Pediatrics*, 131 (4), 827-830.
- American Psychiatric Association (2002). Position Statement on Adoption and Co-parenting of Children by Same-sex Couples.
- American Psychoanalytic Association (2012). Position Statement on Parenting. Disponível Online em:
http://apsa.org/About_APsaA/Position_Statements/Parenting.aspx.
- American Psychological Association (2004). Policy Statement on Sexual Orientation, Parents, & Children. Disponível online em: <http://www.apa.org/about/policy/parenting.aspx>.
- Anderssen, N., Amlie, C., & Ytteroy, E. (2002). Outcomes for children with lesbian or gay parents. A review of studies from 1978 to 2000. *Scandinavian Journal of Psychology*, 43, 335-351.
- Bailey, J.M., Bobrow, D., Wolfe, M., & Mikach, S. (1995). Sexual orientation of adult sons of gay fathers. *Developmental Psychology*, 31, 124-129.
- Barrett, R., & Tasker, F. (2001). Growing up with a gay parent: Views of 101 gay fathers on their sons' and daughters' experiences. *Educational and Child Psychology*, 18, 62-77.
- Biblarz, T., & Stacey, J. (2010). How does the gender of parents matter?. *Journal of Marriage and the Family*, 72 (3), 3-22.

- Bos, H., Gartrell, N., Peyser, H., & Balen, F. (2008). The USA National Longitudinal Lesbian Family Study (NLLFS): Homophobia, Psychological Adjustment, and Protective Factors. *Journal of Lesbian Studies*, 12 (4), 455-471. DOI: 10.1080/10894160802278630.
- Bos, H., Gartrell, N., Balen, F., Peyser, H., & Sandfort, T. (2008). Children in Planned Lesbian Families: A Cross-Cultural Comparison Between the United States and the Netherlands. *American Journal of Orthopsychiatry*, 78 (2), 211-219. DOI: 10.1037/a0012711.
- Bos, H., & Sandfort, T. (2010). Children's Gender Identity in Lesbian and Heterosexual Two-Parent Families. *Sex Roles*, 62 (1), 114-126. DOI: 10.1007/s11199-009-9704-7.
- Bos, H., & van Balen, F. (2008). Children in planned lesbian families: stigmatization, psychological adjustment and protective factors. *Culture, Health and Sexuality*, 10 (3), 221-236.
- Bos, H., van Balen, F., & van den Boom, D. (2007). Child Adjustment and Parenting in Planned Lesbian-Parent Families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77 (1), 38-48. DOI: 10.1037/0002-9432.77.1.38.
- Bos, K., Zeanah, C., Foz, N., Drury, S., McLaughlin, K., & Nelson, C. (2011). Psychiatric Outcomes in Young Children with History of Institutionalization. *Harvard Review of Psychiatry*, 19 (1), 15-24. DOI: 10.3109/10673229.2011.549773.
- Browne, K. (2009). *The Risk of Harm to Young Children in Institutional Care*. London: Save the Children UK.
- Ceballos Fernández, M. (2012). Ser Madres y Padres en Familias Homoparentals: Análises del Discurso de sus Percepciones sobre la Educación de sus Hijos e Hijas. *ENSAYOS, Revista de la Facultad de Educación de Albacete*, 27, 143-158.
- Chan, R., Brooks, R., Raboy, B., & Patterson, C. (1998). Division of Labor Among Lesbian and Heterosexual Parents: Associations With Children's Adjustment. *Journal of Family Psychology*, 12 (3), 402-419.
- Ciano-Boyce, C., & Shelley-Sireci, L. (2002), «Who is mommy tonight? Lesbian parenting issues». *Journal of Homosexuality*, 43, 1-13.
- Clarke, V. (2001). What about the children? Arguments against lesbian and gay parenting. *Women's Studies International Forum*, 24 (5), 555-570. DOI: 10.1016/S0277-5395(01)00193-5
- Colegio Oficial de Psicólogos de Madrid (2004). Adopción por Parte de Familias Homoparentales. Disponible Online em: <http://www.copmadrid.org/webcopm/resource.do>.
- Costa, P., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Homoparentalidade: O Estado da Investigação e a Procura de Normalização. *Psicologia*, XXVI (1), 55-69.

- Crowl, A., Ahn, S. & Baker, J. (2008). A Meta-Analysis of Developmental Outcomes for Children of Same-Sex and Heterosexual Parents. *Journal of GLBT Family Studies*, 4(3), 385-407. DOI: 10.1080/15504280802177615.
- Dailey, T. (2001). Homosexual Parenting: Placing Children at Risk. *Family Research Council*, 238.
- D'Augelli, A., Rendina, H., Sinclair, K., Grossman, A. (2008). Lesbian and Gay Youth's Aspirations for Marriage and Raising Children. *Journal of LGBT Issues Counselling*, 1 (4), 77-98. DOI: 10.1300/J462v01n04_06.
- Farr, R., Forssell, S., & Patterson, C. (2010). Parenting and Child Development in Adoptive Families: Does Parental Sexual Orientation Matter?. *Applied Developmental Science*, 14 (3), 164-178. DOI: 10.1080/10888691.2010.500958.
- Flaks, D., Fichter, I., Masterpasqua, F., & Joseph, G. (1995). Lesbians Choosing Motherhood: A Comparative Study of Lesbian and Heterosexual Parents and Their Children. *Developmental Psychology*, 31 (1), 105-114.
- Fulcher, M., Chan, R., Raboy, B., & Patterson, C. (2002). Contact with grandparents among children conceived via donor insemination by lesbian and heterosexual mothers. *Parenting: Science and Practice*, 2, 61–76.
- Gartrell, N., Bos, H., & Goldberg, N. (2010). Adolescents of the U.S. National Longitudinal Lesbian Family Study: Sexual Orientation, Sexual Behavior, and Sexual Risk Exposure. *Archives of Sexual Behavior*. DOI: 10.1007/s10508-010-9692-2.
- Gartrell, N., & Bos, H. (2012). Adolescents with Lesbian Mothers Describe Their Own Lives. *Journal of Homosexuality*, 59, 1211-1229. DOI: 10.1080/00918369.2012.720499
- Gartrell, N. & Bos, H. (2010). Adolescents of the USA National Longitudinal Lesbian Family Study: Can Family Characteristics Counteract the Negative Effects of Stigmatization? *Family Process*, 49(4), 559-572.
- Gartrell, N., & Bos, H. (2010). Us National Longitudinal Lesbian Family Study: Psychological Adjustent of 17-Year-Old Adolescents. *Pediatrics*. DOI: 10.1542/peds.2009-3153.
- Gato, J. (2012). Homoparentalidades num Contexto Heteronormativo. *Tese apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Psicologia*.
- Gato, J. & Fontaine, A. M. (2011). Impacto da orientação sexual e do género na parentalidade: Uma revisão dos estudos empíricos com famílias homoparentais. *Revista Ex-Aequo*, 23, 83-89.
- Gato, J. & Fontaine, A. M. (2010). Parentalidade lésbica e gay: Mitos e evidências. In M. Magalhães, M. Tavares, S. Coelho, M. Góis e E. Seixas (Orgs.), *Quem tem medo dos feminismos? Congresso Feminista 2008 – Actas I* (pp. 415-422). Funchal: Nova Delphi.

Gelderen, L., Bos, H., Gartrell, N., Hermanns, J., & Perrin, E. (2012). Quality of Life of Adolescents Raised from Birth by Lesbian Mothers: The US National Longitudinal Family Study. *Journal of Development & Behavioral Pediatrics*, 33 (1).

Gelderen, L., Gartrell, N., Bos, H., Rooij, F., Hermanns, J. (2012a). Stigmatization associated with growing up in a lesbian-parented family: adolescents experience and how they deal with it?. *Children and Youth Services Review*. DOI: 10.1016/j.chilyouth.2012.01.048

Gershon, T., Tschann, J. & Jemerin, J. (1999). Stigmatization, self-esteem, and coping among the adolescent children of lesbian mothers. *Journal of Adolescent Health*, 24, 437-445.

Gold, M., Perrin, E., Futterman, D., Friedman, S. (1994). Children of gay or lesbian parents. *Pediatrics in Review*, 15 (9), 354-358.

Goldberg, N., Bos, H., & Gartrell, N. (2011). Substance use by adolescents of the USA National Longitudinal Lesbian Family Study. *Journal of Health Psychology*, 1-10. DOI: 10.1177/1359105311403522.

Golombok, S., & Badger, S. (2010). Children raised in mother-headed families from infancy: A follow-up of children of lesbian and heterosexual mothers, at early adulthood. *Human Reproduction*, 25, 150-157.

Golombock, S., Perry, B., Burston, A., Murray, C., Mooney-Somers, J., Stevens, M., & Golding, J. (2003). Children With Lesbian Parents: A Community Study. *Developmental Psychology*, 39 (1), 20-23. DOI: 10.1037/0012-1649.39.1.20.

Golombok, S., Tasker, F., & Murray, C. (1997). Children raised in fatherless families from infancy: Family relationships and socioemotional development of children of lesbian and heterosexual mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38 (7), 783-791.

Golombock, S., & Tasker, F. (1996). Do Parents Influence the Sexual Orientation of Their Children? Findings From a Longitudinal Study of Lesbian Families. *Developmental Psychology*, 32 (1), 3-11.

González, M., Chacón, F., Gómez, A., Sánchez, M., & Morcillo, E. (2003). Dinámicas familiares, organización de la vida cotidiana y desarrollo infantil y adolescente en familias homoparentales. *Estudios e Investigaciones*. Madrid: Oficinal del Defensor del Menor de la Comunidad de Madrid.

González, M., Morcillo, E., Sánchez, M., Chacón, F., & Gómez, A. (2004). Ajuste psicológico e integración social en hijos e hijas de familias homoparentales. *Infancia y Aprendizaje*, 27 (3), 327-343.

Greene, M., Niobe, W., & Kerstin, P. (2006). Trajectories of perceived adult and peer discrimination among Black, Latino and Asian-American Adolescents: Patterns and psychological correlates. *Developmental Psychology*, 42 (2), 218-238.

Guasp, A. (2010). *Different Families – The Experiences of Children with Lesbian and Gay Parents*. Stonewall.

Hines, M., Brook, C., & Conway, G. (2004). Androgen and psychosexual development: core gender identity, sexual orientation and recalled childhood gender role behavior in women and men with congenital adrenal hyperplasia (CAH). *Sex Roles*, 41 (1), 75-81.

Hollekim, R., Slaaten, H., & Anderssen, N. (2012). A nationwide study of Norwegian beliefs about same-sex marriage and gay parenthood. *Sexuality Research & Social Policy*, 1 (3), 1-10.

Jenny, C., Roesler, T., Poyer, K. (1994). Are Children at Risk for Sexual Abuse by Homosexuals?. *Pediatrics*, 94 (1), 41-44.

Johnson R., Browne K., & Hamilton-Giachritsis C. (2006). Young children in institutional care at risk of harm. *Trauma Violence and Abuse*, 7 (1), 1–26. DOI: 10.1177/1524838005283696.

MacLean, K. (2003). The Impact of Institucionalization on Child Development. *Developmental Psychopathology*, 15 (4), 853-884.

Magalhães, A. (2012). *A Depressão na Criança Institucionalizada*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos Requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde.

Meezan, W., & Rauch, J. (2005). Gay marriage, same-sex parenting, and America's Children. *Future Child*, 15 (2), 97-115.

Kurdek, L. (2004). Are Gay and Lesbian Cohabiting Couples Really Different from Heterosexual Married Couples?. *Journal of Marriage & Family*, 66, 880-900.

Patterson, C. (2009). Children of Lesbian and Gay Parents: Psychology, Law and Policy. *American Psychologist*, 727-736.

Patterson, C. (2006). Children of Lesbian and Gay Parents. *Current Directions in Psychological Science*, 15 (5), 241-244.

Patterson, C. (2001). Families of the Lesbian Baby Boom: Maternal Mental Health and Child Adjustment. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 4 (3/4), 91-107.

Patterson, C., Hurt, S., & Mason, C. (1998). Families of the lesbian baby boom: Children's contact with grandparents and other adults. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68, 390–399.

Peplau, L., & Fingerhut, A. (2007). The Close Relationships of Lesbians and Gay Men. *Annual Review of Psychology*, 58, 405.

- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 4 (XXVII), 509-521.
- Pitt, E.L. (2000). Violence in relationships in Gay and Lesbian Relationships. *Journal of the Gay and Lesbian Medical Association*, 4, 195-196.
- Rivers, I., Poteat, P., & Noret, N. (2008). Victimization, Social Support, and Psychosocial Functioning Among Children of Same-Sex and Opposite-Sex Couples in the United Kingdom. *Developmental Psychology*, 44 (1), 127-134.
- Robitaille, C. & Saint-Jacques, M. (2009). Social stigma and the situation of young people in lesbian and gay stepfamilies. *Journal of Homosexuality*, 56 (4), 421-442.
- Stacey, J., & Biblarz, J. (2001). (How) Does the Sexual Orientation of Parents Matter? *American Sociological Review*, 66 (2), 159-183.
- Sutfin, E., Fulcher, M., Bowles, R., & Patterson, C. (2008). How Lesbian and Heterosexual Parents Convey Attitudes about Gender to their Children: The Role of Gendered Environments. *Sex Roles*, 58, 501-513. DOI: DOI 10.1007/s11199-007-9368-0.
- Tasker, F., & Patterson, C. (2006). Research on Lesbian and Gay Parenting: Retrospect and Prospect. *Journal of GLBT Family Studies*, 3, 9-34.
- Toomey, R., Ryan, C., Diaz, R., Card, N., & Russell, S. (2011). Gender-nonconforming Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth: School Victimization and Young Adult Psychosocial Adjustment. *Developmental Psychology*, 46 (6), 1580-1589.
- Vanfraussen, K., Ponjaert-Kristoffersen, I., & Brewaeys, A. (2002). What does it mean for youngsters to grow up in a lesbian family created by means of donor insemination. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 20, 237-254.
- Wainright, J. & Patterson, C. (2008). Peer Relations Among Adolescents with Female Same-Sex Parents. *Developmental Psychology*, 44 (1), 117-126. DOI: 10.1037/0012-1649.44.1.117.
- Wainright, J., & Patterson, C. (2006). Delinquency, victimization, and substance use among adolescents with female same-sex parents. *Journal of Family Psychology*, 20, 526 - 530.
- Wainright, J., Russell, S., & Patterson, C. (2004). Psychosocial Adjustment, School Outcomes, and Romantic Relationships of Adolescents With Same-Sex Parents. *Child Development*, 75 (6), 1886-1898.
- Washington, R. (2011). Childhood Obesity: Issues of Weight Bias. *Preventing Chronic Disease*, 8 (5), 1-5.

Waterman, C.K., Dawson, L.J., Bologna, M.J. (1989) Sexual Coercion in Gay Male and Lesbian Relationship: Predictors and implications for support services. *Journal of Sex Research*, 26, 118-124.

ANEXO

Nome da Publicação Científica	Factor de Impacto	Posição no Ranking
<i>Annual Review of Psychology</i>	15.265	2/75 Psychology, Science; 2/126 Psychology, Multidisciplinary
<i>American Psychologist</i>	6.869	4/125 Psychology, Multidisciplinary
<i>Journal of Child Psychology and Psychiatry</i>	5.422	2/65 Psychology, Developmental; 7/75 Psychology; 11/120 Psychiatry, Social Science; 15/135 Psychiatry
<i>Pediatrics</i>	5.119	1/107 Pediatrics
<i>Developmental Psychopathology</i>	4.397	5/67 Psychology, Developmental
<i>Child Development</i>	4.915	1/51 Psychology, Educational; 4/65 Psychology, Developmental
<i>Human Reproduction</i>	4,67	3/77 Obstetrics & Gynecology; 2/28 Reproductive Biology
<i>American Sociological Review</i>	4,422	2/138 Sociology
<i>Current Directions in Psychological Science</i>	3,929	12/125 Psychology, Multidisciplinary
<i>Developmental Psychology</i>	3,214	12/68 Psychology, Developmental
<i>Harvard Review of Psychiatry</i>	3,046	21/120 Psychiatry
<i>Journal of Marriage and the Family</i>	3,006	1/38 Family Studies; 7/137 Sociology
<i>Journal of Adolescent Health</i>	2,966	11/21 Pediatrics; 14/65 Psychology, Developmental
<i>Journal of Sex Research</i>	2,532	2/89 Social Sciences, Interdisciplinary; 26/110 Psychology, Clinical
<i>Sex Roles</i>	1,801	1/38 Women Studies; 10/60 Social Psychology
<i>Journal of Development & Behavioral Pediatrics</i>	1,75	47/121 Pediatrics
<i>Journal of Family Psychology</i>	1,656	9/38 Family Studies
<i>Family Process</i>	1,609	13/38 Family Studies; 60/114 Psychology, Clinical
<i>American Journal of Orthopsychiatry</i>	1,6	67/120 Psychiatry/Social Science; 85/135 Psychiatry
<i>Scandinavian Journal of Psychology</i>	1,292	47/126 Multidisciplinary Psychology
<i>Journal of Health Psychology</i>	1,218	66/110 Psychology, Clinical
<i>Parenting: Science and Practice</i>	1,133	48/67 Psychology, Developmental; 18/38 Family Studies
<i>Applied Developmental Science</i>	0,8	54/66 Psychology, Developmental
<i>Journal of Homosexuality</i>	0,778	35/92 Interdisciplinary Social Sciences; 78/126 Multidisciplinary Psychology